

A «CENA» DA «ACÇÃO LINGUÍSTICA» E A SUA PERSPECTIVAÇÃO POR DIZER E FALAR

0. INTRODUÇÃO

Imagine-se um texto como o que se segue:

«Hoje vamos falar de nomes. Portanto, podemos falar de tudo e mais alguma coisa, pois no fundo tudo é nome. Mas vamos falar, nomeadamente, de nomes próprios, que na minha opinião são os nomes propriamente ditos. E, se for preciso, chamaremos nomes aos nomes. No Génesis, conta-se que Deus criou o mundo, com todas as suas criaturas, e depois, como estava com *stress* e a suar em bica, convidou o Homem a designar cada uma delas. E o Homem, com o bom gosto que lhe é apanágio, desatou a inventar nomes incomparavelmente *graciosos*, como otorrinolaringologia e Narana Coissoró. Diz-se que, nessa altura do campeonato, o Todo-Poderoso bateu a mão na testa[sic] e suspirou: “Anda um Deus a criar Homens para isso”» (Paulo Nogueira — *Penso Rápido*, in «Independente», p. 46, 94.05.6).

e que se nos pedia para compararmos este texto (os sublinhados são nossos) com um outro em que se substituíssem as ocorrências de **falar** por **dizer** e vice-versa, e dizer se os verbos sublinhados (conta-se que..., suspirou...) pertencem ao domínio de **dizer** ou de **falar**, questionando-nos em seguida acerca da alteração provocada no sentido do texto. Eis o programa do presente estudo.

0.1 Uma teoria deve ser muito mais do que uma fábrica de regras: o regular e o irregular convivem lado a lado na língua. Uma teoria de análise lexical não se pode limitar apenas ao “léxico”: uma entrada lexical implica uma categoria gramatical, semas e classemas, determinados “frames” e “scenários” ou “scripts”. Mais do que descrever a “cena” da acção linguística como ela é perspectivada pelos verbos **dizer** e **falar**, pretendemos explorar um

modelo de análise global de verbos tendo em atenção alguns dos enquadramentos teóricos dos “actos de fala”¹ e muito especialmente as propostas de Fillmore². Isto é, pretendemos analisar o significado e respectivos sentidos dos verbos **dizer** e **falar**, comparando-os entre si e com os verbos que se lhe agregam. Trata-se evidentemente de uma parte mínima da “cena” da acção linguística, a que é veiculada por dois dos verbos mais frequentes na língua portuguesa. Faremos eventuais referências a outros verbos da “acção linguística”.

0.2 Cena e “frame”

Como deixamos antever, estamos perante uma proposta de análise lexical³ que se situa entre o léxico, a gramática e pragmática, em que se atende a categorias gramaticais, a diferenciadores semânticos e aos seus “frames”, “scenes”, “schemata” e “scripts”⁴: considera-se o léxico como não sendo o dono de si mesmo.

¹ A teoria dos “actos de fala” nasceu na tradição filosófica autónoma — chamada Ordinary Language Philosophy (ou “Oxford Philosophy”) representada sobretudo em AUSTIN, J. L. — *How to do things with words*, Oxford, Clarendon, 1962 e SEARLE, J. R. — *Speech Acts*, Cambridge, 1969, *What is a Speech Act?*, in «The Philosophy of Language», Oxford Univ. Press, 1971, p. 39-53, *A Taxonomy of Illocutionary Acts*, in GUNDERSON, K. (edit.) — *Language, Mind and Knowledge*, Mineapolis, Univ. of Minisota Press, 1975, p. 334-369). No aproveitamento que fazemos da teoria dos “speech acts” temos em consideração sobretudo as reflexões de N. LEECH, Geoffrey — *Principles of Pragmatics*, London and N. Y., Longman, 1983, e DIJK, Teun A. v. — *Macrostructures. An Interdisciplinary Study of Global Structure in Discourse, Interaction, and Cognition*, New Jersey, Publishers Hillsdale, 1980.

² CH. FILLMORE — *A Private History of the Concept “Frame”*, in R. DIRVEN; G. RADDEN (eds.) — *Concepts of Case*, Tübingen, 1987, p. 28-36, 33): «[scene is] any coherent segment, large or small, of human beliefs, actions, experiences or imagings».

³ Sirvo-me de dados de VILELA, Mário — *Estruturas Léxicas do Português*, Coimbra, Almedina, 1989, pp. 150 e ss. e 157, de MÚRIAS, Augusto M. Leite — *Análise Confrontativa de Características Semânticas e Sintácticas de Verba Dicendi do Português e do Alemão*, Lisboa, 1989 (Tese de Doutoramento, mimeografada); DIRVEN, René; GOOSSENS, Louis; PUTSEYS, Yvan; VORLAT, Emma — *The Scene of Linguistic Action and its Perspectivization by Speak, Talk, Say and Tell*, Amsterdam, Philadelphia, J. Benjamins Publishing Company, 1982, além de LEECH, G. — *Op. cit.*, nota 1.

⁴ Para uma informação circunstanciada destas noções cfr. KONERDING, Klaus-Peter — *Frames und lexikalisches Bedeutungswissen. Untersuchungen zur linguistischen Grundlegung einer Frametheorie und zu ihrer Anwendung in der Lexikographie*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1993, p. 31-80.

Antes de descrever os verbos **dizer e falar**, tentarei explicar o que entendo (ou o que se entende) por “frames”, “scenes” — deixando um pouco de lado os “schemata” e “scripts” — da acção linguística. Dever-se-á simplesmente dizer que as noções atribuídas actualmente — sobretudo na inteligência artificial — a “frame”, “script”, “schema”, “scene” se equivalem: trata-se da representação do saber presente na memória humana em forma de totalidades (macro-estruturas ou super-estruturas) estruturadas, o que alguém naturalmente espera que aconteça numa situação típica, o saber que temos armazenado (ou empacotado) na nossa memória decorrente da nossa experiência, os modelos estereotípicos das nossas recordações.

No domínio da linguística distingue-se “frame” de “scene”: o termo “frame” foi introduzido na linguística⁵ como designação da descrição semântica de palavras relativamente ao universo extralinguístico por elas transportado. Foi sobretudo Fillmore quem integrou o conceito de “frame” e “scene” ou “scenarios” na linguística⁶. Estes conceitos pretendem opor-se à “checklist theory of meaning” proposta pelos gerativistas da análise componencial e da semântica lógica e analítica. Os “frames” são «*certain schemata or frameworks of concepts or terms which link together as a system, which impose structure or coherence on some aspects of human experience and which may contain elements which are simultaneously parts of other such frameworks*» e «[os “frames” são definidos como] any *system of linguistic choices* — the easiest cases being collocations of words, but also including choices of grammatical rules or categories — that can get associated with prototypical instances of scenes⁷. Por seu lado as «*Scenes are parts and interconnected series of elements including not only visual scenes but also familiar kinds of*

⁵ «The concept of frame has been introduced into linguistics in a certain context: frames were primarily seen as representational tools by means of which purely linguistic knowledge could be connected with relevant non-linguistic common-sense knowledge. On the more concrete level, the use of frames in linguistics is- explicitly or implicitly- about frames as conceptual tools of lexical semantics, frames as means of including into the semantic description of words also relevant types of common sense knowledge about objects or situations referred to by the corresponding word.» (OIM, Haldur; SALUVEER, Madis — *Frames in Linguistic Descriptions*, in «Quaderni di Semantica», VI, 1985, p. 295-305, 296-97).

⁶ Charles J. Fillmore começa por introduzir já o conceito de “frame” em 1968 («The case for case» in BACH, E.; HARMS, R. (edits) — *Universals in in Linguistic Theory*, New York, p. 1-90), mas foi sobretudo a partir de 1975 que introduz os conceitos de “frame” e “scene” na teoria da semântica lexical e na explicação do texto.

⁷ Ch. FILLMORE, J. — *An Alternative to Checklist Theories of meaning*, in «Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society», Berkeley, 1975, p. 123-131, p. 123-124.

interpersonal transactions, standard scenarios defined by the culture, institutional structures, enactive experiences, body image, and, in general, any kind of coherent segment of human beliefs, actions, experiences or imagings»⁸. A partir de 1985⁹ abandona essa distinção e fala antes de “conceptual frames” e da sua verbalização, ou então aproxima-se do que consideramos a pragmaticização da semântica¹⁰ ou “language-in-context”.

Antes de avançarmos, vamos reter o sentido que atribuímos a “cena” e “frame”: fixamo-nos em que “frame” é a verbalização (Versprachlichung) da cena numa dada perspectiva a partir de um dado lexema (ou mais precisamente um predicado)¹¹ e em que atribuímos a “cena” o valor mais genérico — o de representação geral do tipo de acontecimento, por exemplo, o de um “evento ou transacção comercial”¹², aproximando-nos do que os teóricos da inteligência artificial entendem por “scripts”: estruturas de (ou “modelos de perspectivar”) eventos.

Assim, a cena aqui descrita compreende um falante, um ouvinte e a troca de uma mensagem. O “frame” é qualquer conjunto de escolhas linguísticas possíveis para denotar ou representar estas cenas: a contraparte linguística das cenas em questão. Por outras palavras, o “frame” abrange os lexemas, as regras e categorias gramaticais que podem ser (ou estar) associados com estas cenas. No nosso caso, qualquer dos verbos em questão — **falar, dizer, como discutir, contar, conversar**, etc. — pode activar toda a cena da comunicação linguística, mas de uma maneira diversa da dos restantes verbos. Cada um dos verbos perspectiva (= «frames») a cena de uma maneira diferente relativamente à dos demais.

⁸ Ch. FILLMORE, J. — *Ibidem*, 124. Volta a distinguir quase com os mesmos termos “scenes” e “frames” em 1977 (Ch. FILLMORE, J. — *Scenes-and-Frames Semantics*, in ZAMPOLLI, Antonio (edit.) — *Linguistic Structure Processing*, Amsterdam, 55-81, 62-63).

⁹ FILLMORE, C. J. 1985 — *Frames and the Semantics of Understanding*, in «Quaderni di Semantica», VI, 2. 222-254, 232.

¹⁰ FILLMORE, Charles J. 1986 — “U” — *Semantics, Second Round*, in «Quaderni di Semantica», VII, 1. 49-58.

¹¹ Isto é, situamo-nos na definição dada por Fillmore («I thought of the case frame associated with a particular predicating word as imposition of structure on a event (or the conceptualization of an event) in a fixed way and with a given perspective»)(FILLMORE, Ch. J. — *Scenes-and-Frames...*, 1977, p. 56-57).

¹² «When I hear a word... I activate in my memory one of the scenes within which I know for that scene» (ID. — *Ibid.*, pg. 72). FILLMORE, Ch. — *Lexical Semantics and Text Semantics*, in COPELAND, J. E. (edit) — *New Directions in Linguistics and Semiotics*, Amsterdam, 1984, p. 123-147, p. 135) substitui “scene” por “story”.

0.3 Esquema de “acção linguística”

O esquema da cena “acção linguística” é aqui construído com base nas tradicionais categorias da comunicação de Jakobson¹³ e na teoria dos “actos de fala” de Searle. Os participantes nesta cena são o Locutor ou Agente e o Destinatário ou Ouvinte, o objecto da transmissão ou Mensagem, meios e estratégias de Transmissão, e os traços contextuais da comunicação.

Quanto aos participantes, devemos distinguir, no Destinatador|Locutor, os dois tipos possíveis, detectáveis em exemplos do género:

- (1) (a) Ele falou pela tua boca
- (b) Deus falou pela boca dos profetas
- (c) É o Governo a falar pela boca dos deputados da maioria.

Isto é, temos em (1) a Origem da informação: *ele, Deus e o Governo* e o Falante|Locutor: *tua boca, boca dos profetas e boca dos deputados*. Parece razoável falar-se Transmissor em vez de Falante|Locutor. Normalmente, na cena da acção linguística, a Origem e o Locutor coincidem: o Transmissor concentra a função de ponto de partida e Transmissor da informação.

Por outro lado, também da parte do Destinatário pode haver distinção entre o “destinatário” (Destinatário 1) propriamente dito, a entidade a quem a mensagem é (ou pretende ser) dirigida, e o Destinatário ou Recebedor que realmente recebe a mensagem (Destinatário 2), por engano, por desvio, etc., ou ainda um “destinatário” (Destinatário 3) que servirá de mediador para entregar a mensagem ao Destinatário 1. Há normalmente coincidência entre o Destinatário real e o Destinatário intencional na acção linguística.

Acresce ainda que o Destinatário pode actuar passivamente na “acção linguística” ou ter a função de Co-Agente, ser Inter-Agente, respondendo (inter)activamente e tomando parte na (inter)acção linguística. Imaginemos exemplos do género de:

- (2) (a) Eles não se falam vai para dois anos
- (b) Eles, antes de decidirem, falam sempre entre si
- (c) Os actores, antes de entrarem em cena, falavam uns com os outros a combinar as deixas

¹³ JAKOBSON, Roman — *Linguistics and Poetics*, in SEBEOK, T. A. (edit.) — *Style in Language*, Cambridge, Mass., MIT-Press, 1971, p. 350-377. Faremos também uso das categorias criadas por AUSTIN-SEARLE.

Como é de prever, pelo que dissemos anteriormente, a cena da acção linguística assume diferentes aspectos ou perspetivações: a Mensagem (ou informação) é modulada (“framed”) directamente, a Enunciação Directa:

(3) (a) Deus disse a Abraão: «Vai à Terra de Canaam e ...»

indirectamente, a Enunciação Indirecta:

(b) Deus disse a Abraão que fosse à Terra de Canaam e ...

ou a Mensagem pode ocultar-se na própria enunciação:

(c) Deus disse-lhe o caminho para a Terra de Canaam.

Além disso, no interior da cena da “acção linguística”, temos ainda a informação vista como o tópico da acção ou interacção, a que chamaremos o “tópico” ou tema da acção linguística: damos a “tópico” o valor que lhe é atribuído numa perspectiva pré-nocional (= aquilo de que se está a falar). Mas a informação pode também ser vista não como “tópico” ou tema, mas sim como avaliação da própria informação:

(d) Ele só disse asneiredo durante todo aquele tempo.

Devemos acrescentar que, na cena de “acção linguística”, há a possibilidade de incluir informações (ou participantes) que explicitam o “canal” ou “código” e que podem ser interpretados como pertencentes ao nó actancial ou mesmo ao próprio núcleo:

(4) (a) Ele disse num inglês correcto que não alinhava em fantochadas

(b) Ele fala chinês

ou ainda informações acerca do “modo” como a mensagem é realizada, elementos linguísticos (= circunstantes ou adverbiais) que fazem igualmente parte do nó actancial:

(c) Ele falou em altos gritos

(d) Ele disse em tom cavernoso: «Segue o teu caminho»

(e) Ele fala por experiência

e finalmente outros elementos que informam acerca do tempo, lugar, finalidade, etc.: estes elementos pertencerão já não ao nó actancial, mas ao enunciado no seu conjunto.

Por outro lado temos os meios usados na transmissão da mensagem, o “canal”, o “instrumento” e o próprio “código”. A noção de “canal” torna-se mais clara em:

- (5) (a) Ele disse ao telefone que ia chegar tarde
- (b) O navio disse via rádio que havia avaria no motor.

Isto pode provocar convergência entre “transmissor” e “canal”:

- (c) A rádio! A antena! diz que o tempo vai melhorar.

Veja-se que o “texto” ou outros possíveis instrumentos podem — como “meios” de transmissão — tornar-se Origem da acção linguística:

- (6) (a) O documento diz quem deve submeter-se a exame
- (b) Ele não dizia nada, mas os seus olhos diziam tudo
- (c) As palavras falam por si: dizem tudo.

0.4 Sintaxe dos verbos de “acção linguística”

O significado dos lexemas verbais — predicados das proposições possíveis na realização da “acção linguística” — determina não apenas a semântica global do enunciado como ainda prevê os modos de realização sintáctica desses enunciados. A possibilidade de transitividade ou intransitividade dos verbos — o verbo **dizer** é transitivo e **falar**, podendo ser transitivo ou intransitivo, normalmente não comporta complemento directo (Cd) —, de complementação indirecta e preposicional — possível em ambos os verbos, embora com valores frásicos diferenciados —, de complementação suplementar em relação ao nó actancial ou em relação ao enunciado global, pode colocar alguns problemas relativamente a saber se estamos perante elementos frásicos nucleares ou não-nucleares.

0.5 Analisaremos sobretudo **falar** (1.) e **dizer** (2.), os dois verbos superordenados de “acção linguística”. Mas no decurso da explicação destes dois verbos iremos passando os olhos por alguns dos verbos que activam também a explicação linguística, nomeadamente, **conversar**, **discutir**, **dialogar**, ou

contar, murmurar, cochichar, gritar, ou mesmo verbos prototipicamente afastados da “cena da acção linguística” como **buzinar**, etc.

Na descrição dos verbos **falar** e **dizer**, faremos, em primeiro lugar, uma apresentação genérica da “cena” da acção linguística perspectivada pelo respectivo verbo, passando depois à análise sintáctica e, finalmente, à semântica propriamente dita. Far-se-á ainda referência aos dados pragmáticos (ou elocucionários) sempre que esses dados forneçam elementos para explicação da referida “cena”.

1. PERSPECTIVAÇÃO DA CENA DE “ACÇÃO LINGUÍSTICA” POR FALAR

Uma frase construída com **falar** descreve um evento comunicativo em que intervêm duas entidades, mas em que uma delas toma a iniciativa:

(7) (a) Ele falou comigo hoje de manhã

e ao escolher-se **falar** em vez de **conversar, dialogar, tagarelar, balbuciar, cochichar**, etc., está implicada já uma certa apreciação e caracterização desta “acção linguística”, caracterização neutra, que, aliás, **falar** pode expandir por meio de modificadores mais ou menos precisos, como, por exemplo, em:

(b) Ele falou desabridamente (= berrou) comigo hoje de manhã.

1.1 Posicionamento de falar entre outros verbos de comunicação

Eis um possível inventário¹⁴ das estruturas morfossintácticas mais frequentes de **falar**, a partir da inventariação de sequências mais ou menos lexicalizadas e idiomatizadas:

Ele fala + 0:

- A falar é que a gente se entende
- Isto vai dar muito que falar
- Isto é só falar por falar
- Isso é que é falar
- Isso nem se fala

¹⁴ Cfr. RAMALHO, Ênio — *Dicionário Estrutural, Estilístico e Sintáctico da Língua Portuguesa*, Porto, Lello, 1985.

Ele fala + expressão adverbial:

- a) — por experiência
 - pelo nariz
 - pelos cotovelos
 - por cima da burra
 - por entre dentes
- b) — de poleiro
 - de alto
 - de cor
- c) — sem rodeios
 - sem papas na língua
- d) — com toda a franqueza
 - com duas pedras na mão
 - com o coração nas mãos
 - com os seus botões
- e) — grosso |alto| claro
- f) — no ar, à toa, ao acaso, a sério
- g) — para o boneco
- h) — como um livro aberto| um oráculo

Ele fala + Cd:

- a) — Ele falou verdade
 - Ele falou asneira.

Supondo que as expressões idiomatizadas possam representar um possível painel das construções mais frequentes, vemos que são as construções com falar + adverbial que têm a primazia. As restantes possibilidades serão:

- a) falar + a nome: Ele falou ao seu melhor amigo
- b) falar + com nome: Ele falou com o seu melhor amigo
- c) falar + de nome: Ele falou de tudo e de nada
 - falar + acerca de nome: Ele falou acerca de tudo e de nada
- d) falar + para nome: Ele fala para toda a gente
- e) falar + nome + em nome: Ele em tudo falou verdade.

A partir destes dados podemos afirmar que **falar** lexicaliza o segmento da “cena” da comunicação do seguinte modo:

a) Em oposição a **dizer** — que focaliza, além de o Falante, a Mensagem —, **falar, conversar, balbuciar, dialogar**, etc., colocam, no centro, o Falante e o próprio “evento comunicativo”¹⁵.

b) O evento comunicativo é normalmente comunicação oral, sendo contudo possível a comunicação sem ser oral:

(8) (a) As Escrituras falam-nos de muitas coisas sábias

(b) Os seus olhos falam-nos de miséria e piedade.

O acento na comunicação oral é também perspectivado por **conversar** e **dialogar**. Estes dois verbos distinguem-se de **falar** por implicarem a alternância (= “turn-taking”): **conversar** é um “falar entre amigos”[“falar amigável”] e **dialogar** é “um falar envolvendo obrigatoriamente duas ou mais pessoas”.

c) **Falar** perspectiva sobretudo o Falante, em oposição, como vimos, a **conversar, dialogar** e também a **dizer**, uma vez que é possível a realização sem qualquer complemento, ou com complemento preposicional e sem qualquer outro complemento. No caso de ocorrer um complemento preposicional, este terá por função caracterizar o verbo (o processo linguístico comunicativo: o evento comunicativo) ou o próprio Falante.

d) O Falante deve ser portador do traço [+HUM.], em que as excepções são explicadas por transferências metafóricas no jogo Origem — Transmissor|Instrumento, como em:

(9) (a) O nosso passado fala por nós

(b) Ele deixou falar o coração.

e) Em princípio, **falar** caracteriza o acto locucionário de modo positivo: isto é, implica propósitos sérios ou, pelo menos, valores neutros, opondo-se assim a **faleirar, marralhar, discutir**, etc. Distingue-se de **faleirar** por este verbo implicar um “falar descosido e múltiplo”, de **conversar** por este acentuar a alternância e a presença de Agente e Co-Agente, e **marralhar**, que acentua o aspecto “negativo” de **discutir**, que, por sua vez, acentua não só a alternância da iniciativa do acto comunicativo como o lado polémico de **dialogar**: este activa apenas o lado “amigável” de “discutir”.

¹⁵ Não se confunda “evento comunicativo” com Mensagem: esta é sobretudo um “conteúdo linguístico”, um produto específico de uma actividade.

Mesmo ditados como: *a palavra é de prata e o silêncio é de ouro*, ou *o calado é o melhor*, não afectam o valor positivo de **falar**. Há realizações que apontam para um certo traço — que podemos designar por ‘agressividade’ — presente em **discutir**, envolvendo uma especto negativo («ele só fala comigo discutindo»).

f) **Falar**, ao contrário de **dizer**, **contar**, **informar**, admite, sem a exigir, uma alternância (= turn-taking) de papéis, podendo não ser uma actividade ininterrupta, como se vê por:

- (10) (a) Então ele falou e disse: ...
(b) Deixe-me falar por favor, agora é a minha vez.
(c) Posso falar eu agora?

Ao contrário de **contar** e **dizer**, **falar** permite a presença do Co-Agente, o que se torna evidente em:

- (11) Eles não se falam vai para cinco anos.

1.2 Caracterização sémica de falar

Descrevemos até aqui o significado de **falar** como uma globalidade, opondo-o a verbos que partilham também a presença no acto comunicativo. Vamos agora examinar os significados (acepções) do mesmo verbo e as possíveis implicações com as estruturas sintácticas. Distinguímos assim três variantes de **falar**.

A primeira variante — **falar1** — é um predicado típico de um lugar, concentrando-se apenas no falante como fonte produtora de sons linguísticos, como actividade linguística. Neste caso, “não falar” é “ficar calado”¹⁶:

- (12) (a) A criança começa a falar

¹⁶ Nesta variante situa-se a conhecida lenga-lenga das “Vozes dos animais”, ou “grito específico de N”:

relinchar: cavalo, zurrar/ornear: jumento, balir/balar: cabra, grunhir: porco, ladrar/rosnar/luivar/lair: cão, chiar: coelho, piar: mocho, rugir: leão, arrulhar: pombo, crocitar: corvo, cacarejar: galinha, etc, em oposição a **falar**: homem (Cfr. VILELA, Mário — *Estruturas Léxicas...*, p. 156- 57).

Nesta variante situam-se também alguns verbos de “acção linguística”, representando uma das especificidades de **falar1**, como, por exemplo, **balbuciar**, que é “um falar baixinho”:

(b) O doente já não consegue falar, apenas balbucia.

A segunda — **falar2** — implica o estabelecimento de contactos por meio da língua. Neste caso, “não falar” é “não comunicar”:

(c) Ele falou-nos ontem à noite.

A terceira variante — **falar3** — pressupõe um grupo de Destinatários e uma Mensagem de certo fôlego e de um conteúdo com certo peso ¹⁷:

(d) Ele vai falar no comício desta noite.

Com a variante **falar3** comutam outros possíveis verbos (ou expressões) que perspectivam a “acção linguística” de uma maneira mais precisa, como, por exemplo, **discursar**:

(c’) Ele vai discursar no comício desta noite.

Muitas expressões idiomáticas lexicalizam, ou uma variante de **falar**, ou podem conectar-se a duas ou mais das suas variantes. Assim, **falar por falar**, **falar pelo nariz**, **falar pelos cotovelos**, falar por cima da burra, **falar por entre dentes** centram-se em **falar1**, **falar como um livro aberto**, **como um oráculo**, lexicalizam (sobretudo) **falar3**, mas **falar para o boneco**, por exemplo, adequam-se tanto a **falar2** como a **falar3**.

Procurando aproximar um pouco **falar** dos verbos do seu campo lexical, vemos que **conversar** enquanto activador de um processo de comunicação em forma de diálogo — pertencendo assim a **falar2** — agrega a si outros

¹⁷ Tanto HORNBY, A. S. — *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*, Oxford, Oxford University Press, 1980, como o *Webster* distinguem, a propósito de **speak**, estas três variantes: «1. Utter words or articulate sounds with the ordinary modulation of voice, 2. Give oral expressions to thoughts, opinions, feelings, 3. Express one's views before a group, make a talk or address».

verbos que perspectivam a mesma relação, como **dialogar** e **conferenciar**, e, numa relação algo diferente, **discutir**, **debater**:

- (13) (a) Ele conversou com os alunos
(b) Eles conversaram sobre a viagem
(c) Eles conversaram muito.
(d) Ele conversou com o travesseiro.

Há expressões fraseológicas, como «Estamos conversados» e **desconversar**, que se afastam um pouco deste paradigma. Ao campo de **falar3** — verbo de acção linguística dirigida para o um grupo ou um público — pertence **discursar**:

- (e) Ele discursou para um numeroso auditório.
(f) Ele discursou sobre um tema apaixonante.

Discutir coordena-se com **conversar** e **debater**, pressupondo Agente e Co-Agente:

- (h) Eles discutiram em linhas gerais| superficialmente|
amigavelmente o assunto| sobre o assunto.

O verbo **ralhar** (com alguém por causa de algo) situa-se no âmbito de **falar1**, que, com **balbuciar**, **tartamudear** implica semas como “perturbação sonora”, “certo modo de articulação” e “estado emocional”, excluindo qualquer modificação que implique “por escrito”, “por carta”, etc. e **gaguejar**, que, embora transportando os mesmos semas que os verbos anteriores, facilmente se orienta para o campo de **dizer**:

- (14) (a) Ele gaguejou uma desculpa
(b) Ele gaguejou que não tinha feito aquilo de propósito.

1.3 Os participantes na comunicação

O Enunciador é normalmente Origem — Transmissor e sujeito da frase. No caso de **falar2** pode haver a distinção entre Transmissor e a Origem: em que o Transmissor é o sujeito e a Origem é realizado por: por meio de| pela boca de + nome. Pode ainda acontecer que, em **falar2**, o sujeito plural denote

Enunciador e Interactor (= Agente e Co-Agente). O acto locucionário de **falar** pode ser caracterizado por adverbiais de diferente natureza: uns mais ligados ao processo de “acção linguística” e outros com função de situar espacial ou temporalmente o processo.

O Destinatário é marcado por para + nome ou a + nome: é evidente, que, no caso de sujeito plural, o Destinatário pode confluir com o sujeito. Observe-se ainda que **falar2** pode denotar um acto locucionário bi-direccional ou uni-direccional: no caso de ser bi-direccional, o Destinatário torna-se alternativa na iniciativa (Co-Agente ou Interactor), coincidindo neste pormenor com **conversar**, **discutir**, **dialogar**, e opondo-se a **dizer** e **contar** que são uni-direccionais.

Entre os participantes da “acção linguística” podem ocorrer outros Destinatários (directos ou indirectos), como o que é denotado por: falar a favor de| contra + nome.

1.4 Formas linguísticas na transmissão de informação

No acto locucionário normal representado em **falar**, o Locutor apresenta a própria “acção linguística” mais como Tema ou Tópico do que como Mensagem (ou conteúdo linguístico), o que se vê até pela sua realização morfossintáctica: a preferência vai mais para de| acerca de | em + nome do que para Cd. Nos poucos casos em que estamos perante Mensagem (ou conteúdo linguístico), ocorre na forma de enunciação directa, excluindo-se citações, ou enunciação indirecta (por exemplo, com que + frase). Nos casos em que essas ocorrências acontecem, há um certo sabor a arcaico e oculta-se um “dizer”:

- (15) (a) E Deus falou (e disse): «Vai à Terra onde jorra leite e mel...»
(b) Ele falou (dizendo) que íamos embora

Por outro lado, no caso de **falar1** e em alguns casos de **falar2**, a forma de enunciação pode ser identificada como entidade pronunciável e, em **falar2**, incluem-se conteúdos caracterizados como nomes “abstractos” (verdade, mentira, etc.). Quando o conteúdo comunicativo ocorre como tópico|tema, então esse conteúdo é apresentado como algo “apenas mencionado” ou “algo discutido” e realizado sintacticamente por acerca de| de + nome. Em **falar3**, o tópico, caso ocorra, é necessariamente realizado por acerca de | de + nome.

1.5 Análise semântico-frásica de falar

Falar1 é normalmente predicado de um lugar, mesmo sem qualquer adverbial a acompanhá-lo:

- (16) (a) Tens estado calado: Quero ouvir-te falar.
- (b) Ele bem se esforçava, e o mais que ele conseguia era abrir a boca, mas a doença impedia-o de falar¹⁸.

Os adverbiais usados em **falar1** explicitam traços relativos à voz, ao ritmo, etc.:

- (17) (a) Não fales alto que o bebé está a dormir!
- (b) Ele fala suave e pausadamente
- (c) Ele falava sempre calmamente
- (d) Ele fala sempre com o coração nas mãos.

Falar2 pode ocorrer como predicado de um lugar e sem qualquer adverbial modalizador, no caso de existir coincidência entre Emissor e Destinatário:

- (18) (a) Eles não se falam há muito tempo

embora seja norma a ocorrência de expressões indicativas de “turn-taking” (alternância): um com ou outro, entre si, etc. Há distinção entre tópico e Destinatário:

- (b) Ele falou-lhe do seu caso.

¹⁸ É interessante verificar como as expressões de valor modal negativo relativas à (in)capacidade de “falar” ocorrem frequentemente com **falar1**, embora não seja de excluir a ocorrência de tais estruturas com **falar2**:

- (14) (a) Não lhe pude falar acerca da nossa viagem ao Algarve

e **falar3**:

- (b) O orador não pôde falar porque havia uma demonstração na praça

Falar3 raramente é usado como predicado de um lugar, pois o tema|tópico é quase sempre explicitado. Há a possibilidade de ocorrência de advérbiais modalizadores, da explicitação do Destinatário e de referência ao canal:

- (19) (a) Ele vai hoje falar no Parlamento
- (b) Ele vai falar no Parlamento Europeu em inglês
- (c) Ele falou no Parlamento com|ao altifalante.

1.6 Realizações sintáctico- semânticas da “Transferência” de informação

Na Mensagem devemos distinguir a simples “menção” e a sua “discussão”, a sua “avaliação (positiva ou negativa)”, se tivermos Tópico| Tema ou Mensagem, etc. A realização da Mensagem é feita através de acerca de| de + nome. Em princípio, a avaliação da Mensagem é positiva, é “verdadeira”: não podemos dizer *falar inverdade, *falar (uma) mentira (temos: mentir), *falar disparate(s) (temos: disparatar), etc. Há contudo ocorrência de expressões (já) lexicalizadas, como: falar asneira, falar besteira.

Falar1 e **falar2** podem ocorrer com complemento da forma (em) + nome, como que descrevendo a entidade mencionada na Mensagem:

- (20) (a) Ele falou neste nome| este nome
- (b) Ele falou no nome do ministro em questão.

O Tópico| Tema é realizado normalmente como acerca de| de + nome mas não com acerca de| de + inf. | que + frase:

- (21) (a) Ele falou acerca de nós| do tema | da compra
- (b) *Ele falou de que íamos embora| *de irmos embora ¹⁹

Mas admite-se a realização em + nome| que + frase| inf.:

- (22) (a) Ele falou-nos nisso
- (b) Ele falou em que íamos embora| em irmos embora

¹⁹ Com a febre do “dequeísmo” — introduzir “de” em muitas construções, como «é evidente de que...», etc. — por pessoas com muita (diria mesmo: muitíssima) responsabilidade política e cultural, talvez o povo e a própria língua acabem por “virem a cair também nessa esparrela”.

Haverá diferença na menção do tópico por meio de de ou por acerca de? Teremos uma diferença de “simples menção” e “discussão”? Comparemos a aceitabilidade de:

- (23) (a) Ele falou do tema em profundidade
- (a') Ele falou em profundidade acerca do tema
- (b) Ele falou do tema durante horas
- (b') Ele falou acerca do tema durante horas
- (c) Ele teve de falar de mim mesmo que não quisesse
- (c') Ele teve de falar acerca de mim mesmo que não quisesse.

Se a realização for com em + nome | que + frase | inf., temos uma “simples menção”.

1.7 Estratégias comunicativas: canal, traços situacionais, etc.

A verbalização do código ou meio de transmissão do conteúdo do Emissor para o Receptor pode acontecer, embora não seja frequente. A realização dessa menção é feita através de em + nome:

- (24) (a) Ele falou-me num francês correcto | em francês

ou através de uma construção similar à do Cd., mas em que a passivação não é normal, o que lhe retira uma das marcas da transitividade:

- (b) Ele fala francês
- (c) *O francês é falado por ele.

Isto é, no caso de **falar** designar um processo “potencial”, o termo designativo de “idioma” ocorre sem preposição (ele fala inglês | latim). Pode haver a explicitação do meio transmissor:

- (25) (a) Ele só falava por parábolas
- (b) Ela só fala por enigmas

e explicitação do canal:

- (26) (a) Ele fala ao telefone | pelo telefone
- (b) Ela fala ao | por meio do altifalante
- (c) ? Ela fala por fax.

Se houver um locativo, pode ser indício de que estamos perante **falar3**:

(27) (a) Ele falou no comício/ no Parlamento.

Os locativos não podem ocorrer com **falar2**, a não ser que ocorra também o Destinatário:

(b) Ele falou-lhe na rua.

Com **falar2** podem ocorrer advérbios “de ponto de vista”:

(28) (a) Estritamente falando, estamos todos de acordo

(b) Falando filosoficamente, não estamos de acordo.

Os adverbais de modo especificam como o acto locucionário é realizado, caracterizando apenas o acto locucionário em si ou caracterizando simultaneamente o locutor: em falar depressa não se quer dizer que o Locutor é depressa, mas em falar calmamente/francamente, caracteriza-se simultaneamente o acto e o Locutor: são os chamados advérbios atitudinais. Com falar2 os adverbais caracterizam sobretudo o Locutor:

(29) (a) Ele fala com autoridade sempre que se dirige aos alunos

(b) Falando francamente vamos conceder-lhe o empréstimo

(c) Ele fala sempre calmamente.

Isto é, os advérbios (ou adverbais) pertencentes ao nó actancial, como francamente, alto, baixo, grosso, em francês, etc., caracterizam o acto locucionário em si mesmo ou alguns dos participantes no acto elocucionário.

2. DIZER: “FOCALIZAÇÃO DA MENSAGEM”

Como tudo o que é idiomatizado pode representar a lexicalização do que é gramaticalmente previsto ou possível — e como, com a inventariação dessas construções, poderemos fazer uma ideia das construções possíveis em que uma palavra ou expressão pode ocorrer (ou pode activar uma dada

“cena”) —, eis um pequeno²⁰ inventário de expressões construídas à volta de **dizer**:

- a) — dizer de si para consigo
— dizer por dizer
— dizer com os seus botões
- b) — diga o que disser
— o que ele diz não se escreve
— dizer as últimas a alguém
- c) — não te digo nada!
— não me diga!
— não dizer tanto
— não diz uma nem duas (= nem tuge nem muge)
— não sei se diga se te conte!
- d) — se queres que te diga
— se um diz mata, o outro diz esfola!
- e) — por assim dizer
— a bem dizer
- f) — é como quem diz
— é fácil de dizer
— como dizia o outro
— a quem o diz
— eu bem dizia
— ter (muito) que se lhe diga
- g) — meu dito meu feito
— dito e feito
— (está) dito e redito.

Embora comecemos por fazer a análise de **dizer** com base nas suas estruturas sintácticas, dirigir-nos-emos sobretudo para um visionamento semântico: e aqui é importante o aproveitamento do modo como é realizado o complemento directo. A acção linguística anda à volta do Locutor e do Destinatário.

A nossa análise debruçar-se-á sobre o sujeito — que é, normalmente, também o Emissor —, o complemento directo, os complementos não-nucleares, adverbiais, usos absolutos e terminaremos com os significados ou senti-

²⁰ Cfr. RAMALHO, Énio — *Dicionário Estrutural...* s. v.

dos de **dizer**. Há certas fraseologias com **dizer** que nos dão uma antevisão perfeita do tipo de acção — “acção linguística” — perspectivada a partir deste verbo:

- (1) (a) «O Presidente disse o que disse e está dito»
- (b) «O Presidente diz e não faz»
- (c) Bem prega o Frei Tomás, mas diz e não faz.

Isto é, **dizer**, situa-se no campo genérico (“cena”) de **falar**, é «um falar exprimindo algo», mas pode não equivaler a “fazer”.

2.1 O sujeito

O sujeito prototípico de **dizer** é o Produtor|Emissor da “acção linguística” envolvida no sentido desse predicado. Esta “acção linguística” pode ser um acto de fala realizado actualmente pelo falante:

- (2) (a) Eu digo que não há nada de que me deva envergonhar

ou uma Mensagem “reportada”:

- (b) “Ora bolas!”, disse ela, desencantada.

Parece haver uma repartição, por meio de **dizer**, entre comunicação oral e escrita: por isso, quando dizemos “sujeito” da acção linguística, entenderemos Falante ou Escrevente. É que, em muitos casos, apenas o conhecimento extralinguístico nos permite saber se estamos perante comunicação oral ou escrita:

- (3) (a) O Eça disse: «Lisboa é uma fábrica de Conselheiros Acácios»
- (b) Já D. Manuel de Melo poderia ter dito o mesmo.

Em princípio, a Origem e a Transmissão do acto comunicativo coincidem, mas há outra possibilidade, como em:

- (c) Digam todos comigo: «Ministra amiga, os estudantes estão contigo!».

Normalmente os sujeitos de **dizer** não são Emissores Inter-agentes |Inter-actores. O sujeito deste verbo é normalmente activo e [+ HUM], contudo pode ocorrer um sujeito Não — falante ou Não — escrevente, em que se denota, ou o meio em que o texto se encontra, ou algo relativo ao sujeito humano:

- (4) (a) O placard dizia: «é proibida a entrada a estranhos»
(b) Um voz dizia: «volta para trás, o caminho não tem saída».

Nestes casos, é à entidade não humana que se atribui a Origem da acção linguística.

2.2 Complemento directo

Antes de nos voltarmos para a natureza do complemento directo, deveremos sublinhar que **dizer** é sempre transitivo. Eis uma lista dos seus complementos directos típicos:

- (5) (a) Ele apenas disse algumas palavras e depois ficou todo o tempo calado
(b) Eles disse “obrigado” e saiu
(c) O que é que estás para aí a dizer?
(d) Ele diz o que quer e ouve o que não quer
(e) Foi a última coisa que ele disse antes de morrer
(f) Ele disse: «you voltar»
(g) Ele disse que iria voltar
(h) Ele não disse nada disso
(i) Ele não me disse quando vinha
(j) Ele não me disse se vinha ou não.

A construção passiva, uma das principais marcas da transitividade, é possível:

- (6) Foram ditos nomes e factos que nos permitem ter a certeza de quem foi o autor da proeza.

Há usos em que parece haver ocultação de Cd como em:

- (7) (a) Eu disse para mim mesmo não estava aqui a fazer nada
- (b) Eles não percebem nada disso, devo eu dizer
- (c) Venha daqui a a algum tempo, digamos, uma semana.

Observe-se que, se o verbo **dizer** não tiver complemento directo, ou tendo-o, este não for o complemento prototípico, não teremos “acção linguística”, pelo menos no seu sentido usual. A realização sem complemento é muitas vezes apenas aparente:

- (8) Quando regressa?
Não posso dizer.

Os autênticos usos absolutos ocorrem em fórmulas do género: dizer por dizer, equivalendo a falar por falar, eu bem dizia, ou «disse», fórmula com que se pode terminar uma comunicação ou um discurso.

O complemento directo pode representar “enunciação directa”, “cláusula encaixada” realizada com que + frase, que (relativo) | onde/quando + frase, pronome quantificador (nada, algo, muito, etc.), palavras| coisa(s), nomes abstractos (mas com restrições), pronome, ou estar oculto (na passiva, em algumas combinações e em usos absolutos).

O complemento directo representa a **enunciação directa** quando houver citações directas ou fórmulas performativas (do género: eu digo, eu devo dizer, etc.) e casos em que **dizer** é usado com função (semi-) performativa, como:

- (9) (a) Eu digo, põe-no no chão
- (b) Eu digo estou no meio do meu artigo
- (c) Tu não mostraste nada de nada, devo dizer
- (d) Volta dentro de algum tempo- digamos- uma semana.

O Cd pode ser realizado por uma simples palavras:

- (10) (a) Estás atrasado. Eu disse “seis”.
- (b) Ele disse-me o caminho.

A Enunciação Directa pode recobrir todos os tipos de actos de fala: frases declarativas, interrogativas, imperativas, etc. Em todos estes casos o Cd reflecte a Mensagem da acção linguística que **dizer** descreve como um todo ou palavra por palavra, insistindo, ou na forma, ou no conteúdo. Há combinações já lexicalizadas de **dizer** com uma palavra ou várias palavras para descrever ‘concordância| discordância’ (dizer sim| ámen, OK, não), para ‘cumprimentar’ (dizer adeus, bom dia, olá), ou para exprimir ‘sentimentos’ (dizer obrigado, desculpe), etc. Estas expressões exprimem a verbalização da acção linguística completa, reportando-se a uma forma totalmente diferente (Dizer não = dizer que não queria| aceitava, etc.). É evidente que estas expressões estão a tornar-se donas de si mesmas e já estarão desligadas das frases que lhes deram origem (ou que lhes estão subjacentes).

Há ainda uma série de expressões construídas à volta de **dizer**, com valor (semi-) performativo, como: devo dizer, posso dizer, eu diria, eu penso poder dizer, eu estou em dizer, eu tenho dito e redito. Muitas destas expressões são enfáticas, outras são usadas para reforçar afirmações anteriores e outras ainda valem como repetição.

Certos usos de **dizer** — equivalendo a uma simples fórmula — como digo, digamos, deixem-me dizer, funcionam fora da acção linguística, tendo apenas como finalidade corrigir, precisar, etc:

- (11) (a) Deves-me duzentos e tal escudos — digo (= isto é),
duzentos e vinte.

Também usos próximos do de fórmulas podem ter valor (semi-) performativo, como:

- (b) Ele é muito desagradável, para não dizer perigoso.

O complemento directo pode indicar interacção, se o interlocutor estiver representado na segunda pessoa, na interacção conversacional, exprimindo-se uma instrução ao Destinatário acerca do que deve ou não dizer:

- (12) (a) Diz baixinho “vou direitinho para casa”
(b) Dizer “merda!”, ajuda em certas ocasiões, é que quando a palavra não basta, dizemos palavrões
(c) Nunca digas “nunca”.

Há realizações que representam um misto de **enunciação directa e cláusula que + frase**, como em:

- (13) — Ele perguntou-me: Tu vens amanhã ou não?
— Eu disse, sim, que vinha.

Temos em “sim”, Enunciação Directa e, em “que vinha amanhã”, a cláusula.

As cláusulas introduzidas por “que” que realizam o Cd de **dizer** não preservam a forma da Mensagem: aqui, a salvaguarda do conteúdo é mais importante do que a da forma. Há, nesta estrutura construccional, transformações provocadas pela alteração de tempo, pronomes, advérbios etc.:

- (14) (a) Diz lá que idade eu tenho agora?
(b) Tu dizias-me que quando eras novo ias à cidade a pé...

Também nesta modalidade podemos ter, como já vimos, várias formas de valores (semi-) performativos:

- (15) (a) Eu digo que | eu devo dizer que...
(b) Eu estava a dizer que...
(c) Eu diria que...

Há múltiplas fórmulas deste género, como: Eu penso que estou no direito de dizer..., penso que posso dizer, eu direi que, eu diria que..., eu quero dizer que..., eu queria dizer..., envergonho-me de dizer que..., basta dizer que..., não me coíbo de dizer.... Pode também haver valor performativo negativo em:

- (16) (a) Eu não estou a dizer que ele não tem|tenha razão
(b) Eu não disse exactamente que isso era fácil (= eu não digo...).

Os Cds realizados por onde | quando + frase, ou quantificadores como alguma coisa, muito, mais nada| nada mais, mais do que, etc., reforçam a ideia de que o Cd de **dizer** se situa, prototipicamente, no domínio do “abstracto”. O clasema “abstracto” do Cd repete-se na ocorrência da palavra

coisa(s), mas com esta palavra indicia-se que se trata de coisas contáveis. Eis expressões frequentes:

- (17) (a) Eu digo-te sempre a mesma coisa
- (b) Ele diz-me sempre a coisa errada
- (c) Ele disse-me de ti coisas horríveis
- (d) Ele disse-me coisas que não passam pela cabeça de ninguém
- (e) Ainda não disse tudo: tenho ainda umas coisas a dizer-te, etc.

A ocorrência de palavra refere-se à Mensagem em termos do que é aparentemente mais relevante do ponto de vista linguístico:

- (18) (a) Eu nunca disse uma palavra sobre isso
- (b) Nunca digas a palavra “demónio”...

Há fórmulas totalmente lexicalizadas que apontam para um conteúdo linguístico dentro de uma determinada área do conhecimento, como em:

- (19) (a) Ele diz missa às oito da manhã
- (b) Ele disse uma breve oração e saiu.

equivalendo nestes casos a rezar. A realização passiva de dizer não recobre todas as possibilidades da activa. Assim, não é possível a passivização de Cds que representem a Enunciação Directa, talvez, porque esta transporta informações que não são compatíveis com a subalternização do sujeito Enunciador. A passivização com que + frase é a mais usual.

2.3 Constituintes não-nucleares

Os constituintes não-nucleares representam a integração de determinados participantes na perspectiva do acto de comunicação. Estes participantes transportam informação suplementar em termos frásicos, mas que podem ser importantes em termos de “cena da acção linguística”:

— para + nome | a + nome [+|-Animado]

- (20) (a) — Disse-lhe na cara que nunca iria com ele à missa!
- (b) Ele disse, para quem quis ouvir, que não estava disposto a dar boleia a preguiçosos

— (acerca) de + nome:

- (21) (a) Acerca disso não digo nada
(b) Ele diz mal de todos e de tudo

— em nome de + nome:

- (22) (a) O deputado, (falando) em nome de todo o grupo, disse que ia votar contra a nova proposta

— em favor de|contra + nome:

- (b) Ele só disse a nosso favor| contra nós coisas sem importância.

É particularmente importante o contributo dos advérbios (ou adverbiais) para a “cena da acção linguística”: não introduzem novas entidades ou participantes, mas fornecem informação adicional acerca do modo como a acção descrita por dizer é concebida. Os advérbios²¹ adjuntos, os atitudinais, etc., têm uma função dirigida para o sujeito e para o próprio processo verbal, ou apenas para um deles, mas situando-se sempre no nó actancial do enunciado:

- (23) (a) Ele disse, calmamente, depois de olhar par nós, que não ia em cantigas
(b) Ela disse numa voz suave o que lhe ia na alma:
(c) Ele disse textualmente que iria vetar o novo decreto-lei
(d) Ele disse de viva voz as seguintes palavras: «não assino de cruz proposta que vá contra os meus princípios».

Isto é, estes advérbios exprimem especificações particularizantes ou generalizantes acerca da forma do enunciado, volume do som, qualidade da voz, entoação de palavras, etc.

²¹ Usamos as designações “advérbios”, “advérbios atitudinais” e “advérbios conjuntos”, etc., no sentido que lhes é dado nas gramáticas inglesas actuais, nomeadamente, em QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVARTWIK, Jan — *A Comprehensive Grammar of the English Language*, London-New York, Longman, 1985. Para estes conceitos e ainda para o de “nó actancial” cfr. VILELA, Mário — *Circunstâncias e predicados complexos*, in «Verbo e Estruturas Frásicas», Actas do IV Congresso de Línguas Ibéricas (Lipsia, Novembro de 1993), Anexo VI da *Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas*, Porto, Fac. de Letras, 1994, p. 195 s.

2.4 Significado de dizer

Em primeiro lugar, devemos afirmar que o verbo **dizer** se situa no domínio de “acção linguística”: quer no seu valor comunicativo, quer no seu valor performativo, activa e perspectiva a “cena” de acção linguística. Há dois pontos básicos nas funções nucleares da cena construída com este verbo:

— o primeiro é que se deve pressupor, sem se admitir qualquer excepção, que o sujeito activo é a Origem da “acção linguística” descrita pelo verbo: o Falante, e em contextos bem definidos, o Escritor. Vimos que podiam ocorrer como sujeito outras Entidades (entendidas metaforicamente como Origem) em que a Mensagem escrita é transmitida, ou eventualmente a voz do falante, etc., exercendo essa função;

— o segundo é que, apenas com algumas excepções, **dizer** é sempre transitivo: trata-se de um predicado de dois lugares e em que na voz activa o segundo lugar é realizado como Cd. Além disso, o Cd verbaliza sempre a Mensagem ou, pelo menos, um dos seus aspectos. E esta Mensagem, nas suas propriedades de forma e no seu conteúdo, pode ser vista simultaneamente como o foco.

A partir destes pressupostos podemos definir o significado básico de **dizer** como:

— **dizer** é enunciar ou exprimir algo fazendo uso da linguagem.

O Enunciador é o Falante, o Escritor ou outra Entidade concebida como Origem e o que é expresso/enunciado é a Mensagem ou qualquer aspecto da Mensagem.

A caracterização sintáctica e semântica do tipo de Cd é a chave para a diferenciação do que pode ser verbalizado (= framed) por meio de **dizer** na cena “acção linguística”:

— quando o Cd de **dizer** é a enunciação directa, não há limitação relativamente à mensagem: todos os actos de fala são permitidos de modo a podermos parafrasear **dizer** por meio de declarar | afirmar, perguntar, ordenar, aconselhar | pedir, etc., pois embora **dizer** não signifique **declarar**, **afirmar**, **perguntar**, **ordenar**, etc., **dizer** é um termo superordenado que pode contextualmente implicar qualquer destes verbos:

- (24) (a) — Digo-te: «vai levar o cão à rua!» (= ordenar)
(b) Ele disse: «agora não posso» (= afirmar)
(c) Ele disse: «podes lá ir tu?» (= perguntar).

Com o Cd, como Enunciação Directa, o foco pode ser posto na forma, e a paráfrase equivalente será:

— enunciar sons|um som (como palavra|grupo de palavras| oração...)

ou ser posto apenas no conteúdo, para exprimir o “ponto de vista”, as “ideias”, a “pergunta”, o “pedido”, etc., ou simultaneamente na forma e no conteúdo. Sendo o verbo **dizer** o superordenado de uma boa parte dos verbos de “acção linguística” (ou verbos ilocucionários), pode contextualmente substituí-los sem alteração do seu conteúdo, inclusive no seu valor (semi-)performativo.

Entre os objectos ou complementos directos que realizam a Enunciação Directa, temos expressões como sim, não, adeus, obrigado, que representam um grupo especial: que aliás pode ser comutado com verbos simples (dizer adeus: despedir-se, dizer obrigado: agradecer, dizer sim: concordar, dizer não: discordar).

Um outro sub-grupo, aliás muito restrito, de usos já fixados na língua é o que se prende com formas como digamos, digó (= ‘mais precisamente’, ‘para ser mais preciso’), em que o significado de **dizer** está presente, mas já algo dissolvido.

Quando o Cd é realizado por que + frase as restrições são maiores do que no caso anterior: as imperativas, por exemplo, podem ocorrer, mas já não as interrogativas. Também neste caso **dizer** pode substituir declarar|afirmar e por vezes pedir|ordenar|avisar, mas não perguntar:

- (25) (a) Ele disse (= afirmou) que ia embora cedo
(b) Ele disse (= mandou) que fosses cedo.

Dizer, nesta forma de realização, serve de suporte a um conteúdo mais vago do que o realizado pelos verbos ilocucionários correspondentes. O foco com a construção que + frase está mais no conteúdo do que na forma e por isso a paráfrase será:

— exprimir (e por vezes enunciar e exprimir) o ponto de vista | a declaração| a ideia (e por vezes pedido|ordem| advertência) que (aqui se formula).

Também aqui é possível o valor (semi-) performativo, com algumas restrições.

Com **dizer** + para + inf., o Cd re-verbaliza o acto de fala directivo e o foco está no conteúdo:

(26) Digo-te para ires embora mais cedo.

Com **dizer** + onde| quando| se + frase aponta-se para o conteúdo que não para a forma.

Entrando mais no domínio da análise sémica propriamente dita, verificamos que **dizer**, como superordenado de **murmurar**, **sussurrar**, **cochichar**, **gritar**, **buzinar**, etc., representa um valor genérico relativamente ao valor (mais) específico dos seus hipónimos. Assim, **murmurar**, **sussurrar** e **cochichar** são “um dizer às escondidas|às ocultas| disfarçado”, **gritar** é um “dizer em alta voz”, **buzinar** («Não me buzines aos ouvidos que...»), «Começo já a buzinar às autoridades que não concordo com o preço único para os livros», etc.) é um “dizer feito para importunar”.

Não queremos insinuar que esgotámos, quer para **dizer**, quer para os verbos do seu campo, dentro da cena “acção linguística”, os valores sémicos, cénicos ou pragmáticos em jogo. Há outros verbos — como, por exemplo, **segredar** (= dizer em segredo) ao ouvido de alguém que vai haver remodelação ministerial — que entram nesta área.

3. CONCLUSÃO

3.1 Comum aos dois verbos é a perspectivação da “acção linguística” a partir do ponto de vista do Falante|Escrevente, papel que é predominantemente realizado pelo sujeito. A especificação deste papel faz-se por meio de Origem|Transmissor. Um segundo ponto é o que introduz na perspectiva o papel de Destinatário|Receptor, menos evidente é o papel do “destinatário” como Interactor. A Mensagem ou alguns aspectos da Mensagem, inclusive a Mensagem como tópico, é específico de **dizer** mas não de **falar**. É também possível a perspectivação do código ou canal com os dois verbos. Se **dizer** focaliza a Mensagem, pelo contrário, **falar** focaliza a própria “acção linguística” ou evento comunicativo: e isto deduz-se do facto de a Mensagem raramente entrar numa função nuclear com este último verbo e, quando ocorre como tal, aparece numa forma condensada.

3.2 Há complementaridade no seguinte:

— **Falar** (nas variantes falar1 e falar3) é o único verbo cujo foco incide na própria faculdade de fala, pois perspectiva a acção linguística como um evento unidireccional, do ponto de vista do Falante para o Receptor (o que se torna ainda mais evidente em falar3, cujo Receptor é o “público” ou um “grupo” de pessoas).

— O carácter de **dizer** como orientação da Mensagem no valor performativo (eu digo...) ou (semi)performativo (eu quero dizer-lhe) acontece quando o Falante descreve as suas próprias acções, e a acção se reporta ao que está a dizer naquele momento. **Dizer** tendo o grau máximo de focagem na Mensagem é o único verbo que permite todos os tipos de enunciações directas como seu objecto.

Fizemos uma análise pormenorizada das variantes de **falar**:

— falar1 apenas foca o acto linguístico em si sem necessidade portanto de perspectivar outros papéis para além do Falante e, se ocorrem outras especificações, estas apenas denotam aspectos relativos ao próprio processo, como forma de vocalização, entoação, etc.

— falar2, estabelecendo o contacto por meio da linguagem, pode verbalizar (= frame) a Mensagem como objecto directo numa forma muito condensada e por vezes com avaliação (falar a verdade, falar mentira) e pode perspectivar o código como função nuclear (falar português).

— falar3 estabelece contacto com um grupo por meio da linguagem.

A combinação **falar** a/para + nome denota muitas vezes um Destinatário, mas a “acção linguística” é perspectivada unidireccionalmente. A bidireccionalidade ou alternância (= turntaking) não está excluída e pode ser explicitada por com + nome em falar2, mas nunca ocorre com falar3. O complemento preposicional pode topicalizar a Mensagem com **falar** — fazendo parte, neste caso, dos participantes nucleares —, já com **dizer**, se o complemento preposicional ocorrer, fica fora do núcleo, uma vez que a Mensagem entra em perspectiva por meio do Cd.

3.3 Dado que **falar** transporta o traço [+ Geral] e **dizer** o traço [+ Específico], é normal que o verbo **falar** domine as lexicalizações nominais na cena “acção linguística”: falante vs. * dizente, locutor vs. * dizidor, assim como interlocutor, acto locucionário, acto elocucionário, acto de fala, fala (vir à

fala), etc. **Falar** é o super-ordenado na “cena” da “acção linguística”. Há toda uma gama de expressões mais ou menos lexicalizadas, pelo menos como modelo de construção, que nos mostram a maior genericidade de **falar**:

- (1) (a) Abraão ouviu uma voz que, no meio da escuridão, dizia: sobe à montanha...

Por outro lado, são os derivados de **falar** que comutam com expressões predicativas construídas à volta de um verbo suporte, como ele é uma pessoa de falinhas mansas, de poucas falas, tomar a palavra, erguer, levantar a voz:

- (b) Ele ergueu a voz para dizer algo importante
(c) Ele tomou a palavra para defender um amigo

ocorrendo ainda para perspectivar qualquer conteúdo genérico no domínio da “acção linguística”:

- (d) O mundo de hoje só fala e compreende a linguagem de tecnologia.

Aliás, o verbo **dizer** não abunda em expressões deste género: há apenas dica(s) (ele deu-me uma(s) dica(s)...) e pouco mais. Mas na “cena de acção linguística” tem **dizer**, talvez, o lugar central. **Dizer** é, directa ou indirectamente, o suporte da “acção (linguística)”:

- (2) (a) Que tens a dizer-me?
(b) Que trazes para me dizer?

é o suporte do evoluir da “acção linguística”, implicando uma continuidade textual e temporal:

- (3) (a) — Dizia eu que nada explica nada e que tudo tem explicação
(b) — Dizia-nos ele em resposta a uma pergunta que tudo tinha explicação
(c) — Como ia dizendo, estamos perante um boato...

e é ao verbo **dizer** que se reportam os verbos que estabelecem a ligação no decurso da “acção linguística”:

- (4) (a) Tudo tem explicação, advertiu [= disse] ele
- (b) Tudo tem explicação, proferiu [= disse] ele.

A importância de **dizer** na “acção linguística” confere-lhe capacidade para contextualmente poder substituir muitos outros verbos com valor elocucionário muito mais específico:

- (5) (a) Ele diz (= repete) milhentas vezes a mesma coisa
- (b) Que tens tu a ver com tudo isto, diz (= responde) lá!
- (c) Vou dizer (= confessar) francamente tudo o que penso
- (d) Todos confirmam, mas é preciso dizer ainda (= acrescentar) uma coisa..
- (e) Quem o vê diz (= reconhece) logo que ele é um santo
- (f) A sua cara diz-me (= sugere) qualquer coisa
- (g) Ele disse (= deu) a sua opinião e pronto!

Nestes casos, não é líquido que se trate sempre de “acção linguística”.

3.4 O verbo dizer é o que focaliza, em exclusivo, a Mensagem. O seu valor básico é:

exprimir/enunciar algo por meio da linguagem

e este valor percorre todas as combinações, em que os seus sub-sentidos derivam da natureza do Cd. Todo o painel possível de sub-sentidos apenas ocorre nos enunciados de Enunciação Directa: todos os tipos de actos de fala são possíveis nesta estrutura. As enunciações indirectas — que + frase — apresentam algumas restrições. Uma vez que a Mensagem ocupa com **dizer** um lugar central, não se estranha que não haja neste caso preferências por complementos preposicionais. Note-se ainda a (quase) incapacidade de **dizer** ocorrer em usos absolutos.

3.5 Estamos agora na altura de retomar o texto com que começámos a nossa reflexão, fazendo as substituições indicadas:

«Hoje vamos falar de nomes [?? Hoje vamos dizer nomes.... Mas vamos falar... de nomes próprios [?? dizer nomes próprios). (.....). No Génesis, conta-se que Deus criou o mundo... [No Génesis diz-se que Deus criou...]. (....). Diz-se que, nessa altura do campeonato, o Todo-Poderoso bateu[sic] a mão na testa e suspirou: [Fala-se que, nessa altura do campeonato, o Todo-Poderoso.... e disse: ...]...».

Ou seja, o uso de **falar** — **em vez de dizer** — provoca a deslocação da focagem da Mensagem para o Falante e para o próprio processo da “acção linguística” em si: **falar** não aponta, como **dizer**, para um resultado específico, não exige um produto, a Mensagem. Por outro lado, os verbos **suspirar** e **contar**, em algumas das suas acepções, as que neste texto são enunciadas, pertencem ao domínio (= são hipónimos) de **dizer**.

Mário Vilela